

EMOÇÃO CORPORIFICADA E POTÊNCIA PARA CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS DE LUTA PARA SUPERAR A VIOLÊNCIA SEXUAL SOFRIDA POR MULHERES

Mayã Pólo de Campos

Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, Brasil
Email: mayapcampos@gmail.com

Joseli Maria Silva

Professora Doutora de Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, Brasil
Email: joseli.genero@gmail.com

Edson Armando Silva

Professor Doutor de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, Brasil
Email: edameister@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a emoção como elemento de produção de espaços de luta feminina para superação da violência sexual. Para atingir este objetivo foram realizadas onze entrevistas em profundidade com mulheres com idade entre 18 e 28 anos que sofreram violência sexual em diversas etapas de sua existência, inclusive na infância e adolescência. O conteúdo discursivo dos relatos sobre a violência trouxe um elemento surpreendente no processo de pesquisa que foi a potência da emoção e a construção de vínculos de fortalecimento entre mulheres capazes de reconstituir a existência feminina. Os discursos dos colaboradores foram sistematizados por meio de análise de conteúdo, como proposta por Bardin (1977) e Silva e Silva (2016). O diálogo em torno do sofrimento e a constituição de espaços de conhecimento sobre as relações de poder, violência sexual e gênero abriu os caminhos de reapropriação do espaço íntimo violado: o corpo.

Palavras-chave: espaço; corpo; violência sexual; emoção; feminismo.

EMBODIED EMOTION AND POWER TO CONSTITUTE SPACES OF STRUGGLE TO OVERCOME SEXUAL VIOLENCE SUFFERED BY WOMEN

Abstract

This paper analyzes emotion as an element in the production of spaces for the feminine fights to overcome sexual violence. To achieve this objective, 11 in-depth interviews were carried out with women aged 18-28 years old that faced sexual violence in different phases of their lives, including childhood and adolescence. The discourse content of the reports of violence added surprising elements to the research process, namely, the power of emotion and the construction of bonds of empowerment among women that were able to rebuild their feminine existence. The collaborators' discourses were systematized through content analysis, as proposed by Bardin (1977) and Silva and Silva (2016). The dialogue around suffering and the constitution of spaces of knowledge regarding power relations, sexual violence and gender opened new paths of reappropriation of the violated intimate space: the body.

Key words: space; body; sexual violence; emotion; feminism.

EMOCIÓN CORPORIFICADA Y POTENCIA PARA LA CONSTITUICIÓN DE ESPACIOS DE LUCHA PARA SUPERAR LA VIOLENCIA SUFRIDA POR MUJERES

Resumen

Este artículo analiza la emoción como elemento de producción de espacios de lucha femenina para superar la violencia sexual. Para alcanzar este objetivo se realizaron once entrevistas en profundidad con mujeres con edad entre 18 y 28 años que sufrieron violencia sexual en diversas etapas de su existencia, incluso en la infancia y adolescencia. El contenido discursivo de los relatos sobre la violencia trajo un elemento sorprendente en el proceso de investigación que fue la potencia de la emoción y la construcción de vínculos de fortalecimiento entre mujeres capaces de reconstituir la existencia femenina. El diálogo sobre el sufrimiento y la constitución de espacios de conocimiento sobre las relaciones de poder, violencia sexual y género abrió los caminos de reapropiación del espacio íntimo violado: el cuerpo.

Palabras-clave: espacio; el cuerpo; violencia sexual; la emoción; feminismo.

Introdução: sobre emoção e imprevisibilidade do processo de pesquisa

Este artigo analisa a emoção como elemento de produção de espaços de luta feminina para superação da violência sexual. O fenômeno da violência sexual é profundamente generificado e essa afirmação se baseia no fato de que as vítimas são majoritariamente mulheres, sofreram a agressão na fase da infância, adolescência e juventude e os agressores são homens de várias idades, jovens, adultos e velhos que fazem parte da vida cotidiana dessas mulheres. Esta afirmação é fruto de pesquisas desenvolvidas em variadas escalas espaciais, como comprovam o perfil desse tipo de violência no Anuário de Segurança Pública (BRASIL, 2015).

Ao desenvolvermos pesquisas sobre a relação entre espaço geográfico e violência sexual contra mulheres durante os anos de 2014 e 2016 pudemos confirmar as estatísticas mencionadas acima sobre os perfis das vítimas e autorias da violência, com base tanto nos dados do Instituto Médico Legal (IML) de Ponta Grossa, responsável por realizar os procedimentos de corpo de delito como da análise de oitenta inquéritos da Delegacia da Mulher da mesma cidade. Nesse universo de inquéritos, cinquenta e oito, ou seja, 72,5% envolviam vítimas de até quatorze anos de idade.

Com base no perfil geral de vitimização foram realizadas onze entrevistas de com mulheres que sofreram violência sexual e participaram da pesquisa de forma voluntária, conforme a figura 01 que segue.

Figura 01. Relação de Pessoas Entrevistadas e Suas Características

Nome Fictício	Idade	Cor da pele	Escolaridade	Renda	Idade na época da violência sofrida	Agressor
Anima	18	Branca	Ensino Médio Completo	Vinte salários mínimos	12/13/17	Namorado/ Namorado/ Relacionament o Informal e + 2 amigos
Makeda	23	Branca	Superior Incompleto	R\$ 400,00	8 aos 10 e 23	Irmão/ Conhecido
Kahina	26	Branca	Ensino Médio Completo	Seis salários mínimos	6	Primo
Boudicca	24	Branca	Superior Incompleto	R\$ 600,00	23	Conhecido
Nanny	26	Negra	Superior Completo	R\$ 400,00	23	Motorista do ônibus
Zenóbia	24	Branca	Superior Incompleto	R\$ 400,00	6/ 10 aos 11	Amigo da família/ Vizinho
Yodit	21	Branca	Superior Incompleto	R\$ 600,00	9 aos 11	Padrasto
Triệu Thi Trinh	29	Branca	Superior Incompleto	R\$ 1.100,00	20 aos 26	Namorado
Nzinga	21	Branca	Superior Incompleto	R\$ 1.500,00	20	Desconhecido
Idia	22	Branca	Superior Incompleto	R\$ 700,00	20	Relacionament o Informal
Yennenga	20	Branca	Superior Incompleto	Seis salários mínimos	6 anos e aos 19	Paí/ namorado

Fonte: Entrevistas realizadas com onze mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

As entrevistas, diferentemente do programado, acabou não seguindo o roteiro estabelecido previamente devido às fortes emoções que tomaram conta dos depoimentos e a impossibilidade de manter a ordem imaginada anteriormente do fluxo discursivo, bem como interferir na dinâmica de argumentos que estruturavam as falas dessas mulheres sobre a violência sofrida por elas. Algumas delas estavam falando sobre a experiência da violência pela primeira vez e este elemento foi fundamental para compreender os limites da racionalidade científica para conduzir pesquisas que envolvem sofrimentos. Como resultado desse processo, obtivemos um discurso pouco padronizado do conjunto das entrevistas, o que nos levou a refletir sobre a emoção e o corpo no processo de pesquisa, assim como propõe Rose (1997).

As metodologias feministas trazem a ‘flexibilidade’ como um importante elemento de constituição da pesquisa (SILVA, 2009). A produção do conhecimento que construiu este artigo é resultante do encontro de mulheres que compartilharam suas dores e é dessa posicionalidade que falamos. Bondi (2007) argumenta que o processo de flexibilidade na produção dos dados da pesquisa devem também considerar as emoções. Assim, o fato de transformar dores em produção científica não foi um processo fácil, mas o rompimento do silêncio criou potência para luta e libertação coletiva, tanto de quem conduzia o processo de pesquisa, como quem se dispôs a colaborar. Como nos ensina bell hooks (2013), não é fácil dar nome a nossa dor e teorizar a partir desse local, mas esse

também pode ser um processo de cura, de autorrecuperação e uma forma de produzir conhecimento em que a teoria e a prática estejam juntas.

Assim, tomando um caminho metodológico com base nas geografias feministas, como proposto por Silva, Ornat e Chimin Jr (2017), assumimos o conteúdo discursivo pouco convencional e sistematizamos as falas com base na metodologia de Silva e Silva (2016). Tal procedimento possibilitou compreender os eixos de sentido dos argumentos das mulheres que relataram suas experiências de violência sexual e as suas relações com o espaço geográfico por meio da constituição de uma rede semântica.

Segundo Silva e Silva (2016) a rede semântica se organiza por meio de nós (categorias discursivas) em diferentes tamanhos (frequência da categoria discursiva que é enunciada na fala) e de arestas (ligações entre as categorias discursivas) de diferentes dimensões (frequência da ligação entre as categorias que são os nós). Tal rede se estruturou em duas comunidades discursivas que se constituem pela força das relações entre as categorias, calculadas por softwares de estatística e de rede.

As emoções que permearam os depoimentos das mulheres vítimas de violência sexual e desviaram a rota estabelecida para a pesquisa e acabaram por constituir caminhos investigativos promissores que sustentam este artigo. Na primeira seção evidenciamos a rede semântica e trazemos os pressupostos teóricos das geografias das emoções e suas relações com o corpo violado e espaço. Na segunda seção do artigo exploramos as emoções reelaboradas advindas da violência sexual por meio da constituição de espaços de luta feminina.

Geografias das Emoções, Corpo e Conhecimento

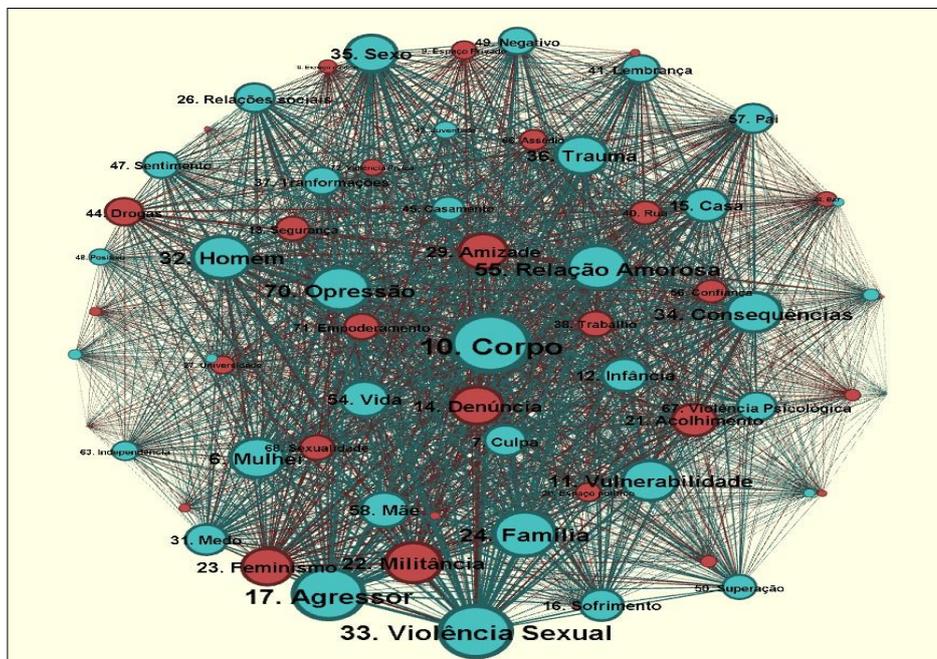
As emoções importam na análise espacial, argumentam Bondi, Davidson e Smith (2007), embora os elementos como a política e a economia sejam os mais usuais na compreensão do espaço. As emoções fazem parte da existência humana cotidiana e fundam boa parte de nossas práticas diárias. Embora as emoções possam ser consideradas como sensações puramente físicas quando sentimos, tristeza, raiva, alegria, medo e assim por diante, para os autores, as emoções se constituem culturalmente e aquilo que nossos corpos manifestam como sensações físicas, possui uma mediação do tempo e do espaço. As geografias feministas e queer são ramos importantes para pensar as emoções como elementos do espaço, já que o corpo e o desejo são categorias fundamentais para as discussões de gênero e das sexualidades. As emoções não podem ser compreendidas como um estado mental

subjetivo interiorizado por um sujeito, mas concebidas em termos de sua mediação e articulação socioespacial. Os corpos e as emoções estão em constante processo de negociação de suas fronteiras, na medida em que os corpos são tanto o referente para o desejo, orgulho, prazer ou repugnância, mas também ele próprio encarna as emoções.

A violência sexual envolve emoções corporificadas que estão em negociação constante com outras escalas que vão além do corpo de quem sofre a violência e de quem a pratica. Determinados corpos, são assimilados culturalmente como passíveis de serem violados, são vistos como provocativos e considerados como objetos do exercício de poder. Outros corpos são concebidos como autônomos e livres. A vulnerabilidade à experiência da violência sexual está profundamente marcada pelas emoções sobre diferentes tipos corpóreos que, por sua vez, são relacionais às demais escalas da cidade, do país e do mundo.

As mulheres possuem maior vulnerabilidade a sofrer violência sexual e tal experiência envolve uma série de emoções corporificadas que fazem parte do processo de pesquisa do fenômeno, tornando-o imprevisível. O conteúdo discursivo obtido da fala de onze mulheres que sofreram violência sexual, num primeiro momento, parecia sair do controle pela imprevisibilidade dos resultados, posteriormente, se transformou em uma extraordinária fonte de saberes, como pode ser visualizado na rede geral semântica geral a seguir.

Figura 02. Rede Semântica Geral Sobre a Relação Violência Sexual e Espaço

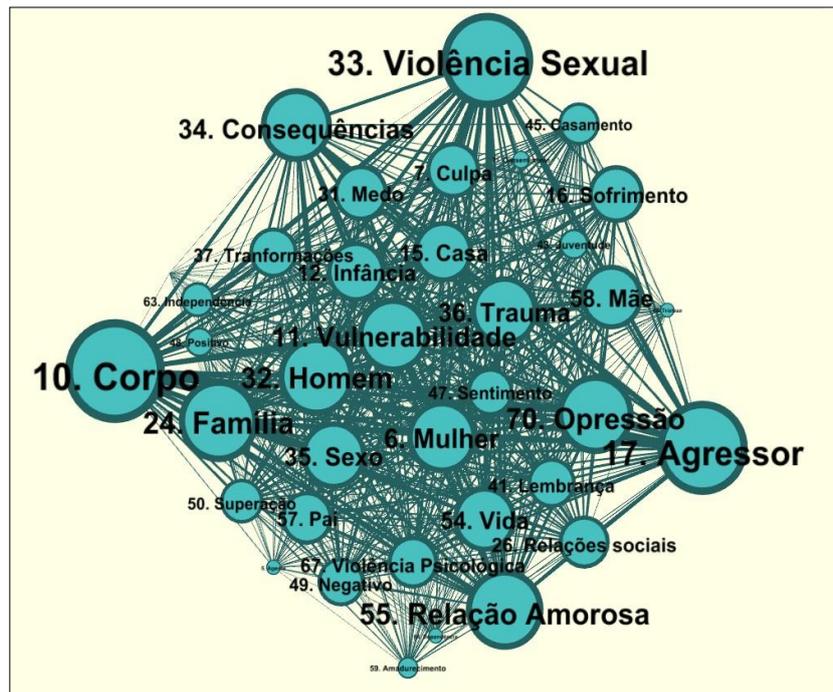


Fonte: Entrevistas realizadas com onze mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Quando a pesquisa foi iniciada havia a expectativa que a fala das mulheres, ao explorar a relação entre violência sexual e espaço geográfico, apontasse para locais em que os atos ocorreram e os sentimentos de conforto, desconforto ou aversão que eles provocavam na vítima. A fala nessa pesquisa é um ato de enunciação das lembranças, já que várias das mulheres haviam sofrido violência sexual durante a fase da infância e da adolescência. Nesse sentido, entendemos que a memória das experiências corporificadas realizam conexões que transitam no tempo. Não são expressões de verdades absolutas, mas versões construídas por elas que ao trazer a memória evocando acontecimentos do passado, ela é enunciada no presente e sendo assim, passa por mediações de elementos que são fruto da elaboração de identidades em trânsito, conforme argumenta Pollak (1989). As mulheres, ao enunciarem suas memórias sobre a violência sexual sofrida no presente, momento em que se encontram em uma etapa de vida adulta, reelaboram suas identidades que estão em permanente movimento. As memórias da experiência da violência sexual são constantemente transformadas frente as situações presentes e as relações políticas e sociais das quais estas mulheres participam. Portanto, as memórias da violência sexual se fazem de forma corporificada e posicionada socialmente. Ser uma mulher não é um simples dado biológico, apesar de a sociedade classificar os gêneros por meio da anatomia da genitália. Se constituir uma mulher implica um exercício do poder normativo que cria diferentes formas de feminilidades, conforme argumenta Butler (2003).

Ao trabalharmos a categorização do conjunto discursivo e estabelecermos a rede semântica (ver figura 02) detectamos a fraca evocação dos locais onde a violência sexual ocorreu, como era esperado por nós. Mas uma intensidade discursiva que vinculava a violência sexual ao corpo. O corpo acabou se estabelecendo como uma categoria enunciativa central de uma das comunidades da rede semântica, conforme pode ser visualizado na figura 03 e na figura 04 que demonstra os cálculos que deram origem à comunidade discursiva.

Figura 03. Comunidade Discursiva 1: Corpo e Violência Sexual



Fonte: Entrevistas realizadas com onze mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Figura 04. Hierarquia dos Nós de Maior ‘Grau Ponderado’ que Estrutura a Comunidade Discursiva 1: Corpo e Violência Sexual.

Nodes	Id	Label	Nat	Grau	Weigh...	Ec...	Closeness Cent...
10. Corpo	10. Corpo	10. Corpo	Cat	67	4641.0	1.0	1.0
33. Violência Sexual	33. Violência Sexual	33. Violência Sexual	Cat	67	4266.0	1.0	1.0
17. Agressor	17. Agressor	17. Agressor	Cat	67	4210.0	1.0	1.0
24. Família	24. Família	24. Família	Cat	67	3713.0	1.0	1.0
55. Relação Amorosa	55. Relação Amorosa	55. Relação Amorosa	Cat	67	3612.0	1.0	1.0
70. Opressão	70. Opressão	70. Opressão	Cat	67	3561.0	1.0	1.0
32. Homem	32. Homem	32. Homem	Cat	67	3545.0	1.0	1.0
11. Vulnerabilidade	11. Vulnerabilidade	11. Vulnerabilidade	Cat	67	3335.0	1.0	1.0
34. Consequências	34. Consequências	34. Consequências	Cat	67	3308.0	1.0	1.0
6. Mulher	6. Mulher	6. Mulher	Cat	67	3255.0	1.0	1.0
36. Trauma	36. Trauma	36. Trauma	Cat	67	3123.0	1.0	1.0
35. Sexo	35. Sexo	35. Sexo	Cat	67	3044.0	1.0	1.0
54. Vida	54. Vida	54. Vida	Cat	67	2936.0	1.0	1.0
58. Mãe	58. Mãe	58. Mãe	Cat	67	2907.0	1.0	1.0
15. Casa	15. Casa	15. Casa	Cat	67	2751.0	1.0	1.0
12. Infância	12. Infância	12. Infância	Cat	67	2732.0	1.0	1.0
16. Sofrimento	16. Sofrimento	16. Sofrimento	Cat	67	2604.0	1.0	1.0
7. Culpa	7. Culpa	7. Culpa	Cat	67	2535.0	1.0	1.0
31. Medo	31. Medo	31. Medo	Cat	67	2531.0	1.0	1.0
57. Pai	57. Pai	57. Pai	Cat	67	2425.0	1.0	1.0
26. Relações sociais	26. Relações sociais	26. Relações sociais	Cat	67	2397.0	1.0	1.0
67. Violência Psicológica	67. Violência Psicológica	67. Violência Psicológica	Cat	67	2375.0	1.0	1.0
37. Transformações	37. Transformações	37. Transformações	Cat	67	2275.0	1.0	1.0
41. Lembrança	41. Lembrança	41. Lembrança	Cat	67	2269.0	1.0	1.0
49. Negativo	49. Negativo	49. Negativo	Cat	67	2213.0	1.0	1.0
47. Sentimento	47. Sentimento	47. Sentimento	Cat	67	2173.0	1.0	1.0
50. Superação	50. Superação	50. Superação	Cat	67	2033.0	1.0	1.0
45. Casamento	45. Casamento	45. Casamento	Cat	67	1945.0	1.0	1.0
63. Independência	63. Independência	63. Independência	Cat	67	1599.0	1.0	1.0
43. Juventude	43. Juventude	43. Juventude	Cat	67	1404.0	1.0	1.0
48. Positivo	48. Positivo	48. Positivo	Cat	67	1361.0	1.0	1.0

Fonte: Entrevistas realizadas com onze mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

O corpo aparece no discurso como um espaço em que o agressor impõe seu poder e retira a autonomia feminina sobre ele. A violência sexual se faz de forma relacional, como afirma Massey (2008) em que estão em jogo relações de poder que se estabelecem em múltiplas escalas e o corpo é aquela mais percebida pelas vítimas. A análise da comunidade discursiva 1 (figuras 03 e 04) evidencia que os sentimentos de estranhamento sobre o seu próprio corpo permanecem, mesmo depois do ato em si, pois as memórias mantêm vivas as estratégias corporais por parte dessas mulheres que relatam o gerenciamento de uma série de diferentes afetos, enfrentamentos e reconhecimento de suas vulnerabilidades. Assim, permanecem mapeando as relações afetivas e as espacialidades cotidianas. O corpo feminino é compreendido pelas mulheres que sofreram violência sexual como um espaço geográfico, na medida em que as mulheres atestavam que ‘seu corpo era o seu espaço mais íntimo possível’ e que ao ser violado, ele se transformava para elas em um espaço de estranhamento, rejeição, desprezo, e negação, provocando incapacidade de prazer e automutilação. Os relatos de Makeda e Nanny são exemplares da ideia de como os afetos mantêm, mesmo depois do ato da violência, um sentimento sobre um espaço que lhe foi expropriado.

“Eu nunca vi o meu corpo como forma de prazer. (...) O corpo é uma parada que eu entendi que foi crucial. De ter perdido uma coisa. De nem você ter o controle do seu corpo né, de chegar uma pessoa e invadir aquele espaço e você não se sentir mais pessoa assim sabe? Então você não se sentir mais dona das tuas escolhas e de tudo que isso acarretou” (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

“Eu fiquei com nojo, muito nojo. Quando eu penso assim e foi por muito tempo que eu senti nojo. Eu me sentia muito suja sabe. Parecia que eu tava contaminada. Eu me senti violada sabe. Como se alguém tivesse ultrapassado, ultrapassado tudo. (...) Mas assim, muito ultrapassada sabe, ultrapassou demais. Foi uma violação, sabe, uma violação. Porque bem aquela coisa da fronteira da pele né, mas foi além né, entrou” (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

O corpo não é, segundo Binnie, Longhurst e Peace (2001), apenas uma materialidade, feita de carne, ossos, órgãos, mas ele se constitui pelo discurso que é espacial e temporal. Os corpos das mulheres violadas adquirem sentidos próprios e esta experiência marca os processos de negociações com outras escalas espaciais, assim como sustentam Longhurst (1997) e Johnston e Longhurst (2010). Ser uma mulher implica sobretudo não ter o poder da transcendência corpórea. Uma mulher não apenas tem um corpo, mas ela é um corpo, conforme Rose (1993) e McDowell (1999). O corpo para as mulheres é um dado que fundamenta suas experiências espaciais e se transforma em um espaço sobre o qual ela luta constantemente para ter autonomia. O corpo feminino é objeto sobre o qual o poder

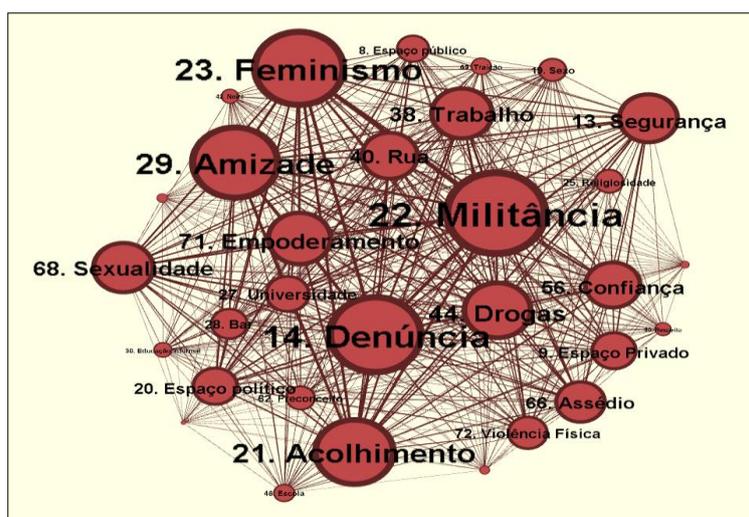
masculino incide de inúmeras formas na sociedade patriarcal capitalista. Mas também, pode ser considerado como uma escala espacial de resistência, conforme afirmam Silva e Ornat (2016). Essas mulheres resistem e tornam a vida possível após a experiência da violência sexual e isso implica fazer dos afetos gerados potência de luta. Tema que será tratado na próxima seção.

Compartilhando as Experiências de Sofrimento e Construindo Espaços de Resistência

As mulheres que foram vítimas de violência sexual também lutam para fazer de seus corpos lugares de luta social. Essa comunidade discursiva que se formou quando terminamos a rede semântica geral (figura 02) foi totalmente surpreendente, já que a pesquisa explorava apenas a violência. Não imaginávamos que associados à experiência da violência as mulheres pudessem trazer os afetos capazes de reconstruir suas vidas e fazer da própria experiência uma potência para luta.

Os afetos não são vividas fora de um corpo, mas por meio dele e, ao mesmo tempo que a revolta, raiva, vergonha e o nojo emergiram nos discursos femininos sobre o corpo, outros afetos foram verificados de forma surpreendente. A segunda comunidade discursiva (figura 05) está estruturada em torno da ‘militância’ e outras categorias positivas demonstradas na figura 06 que evidencia os cálculos que deram origem à comunidade discursiva 2 que representa a reconstrução da vida.

Figura 05. Comunidade Discursiva 2: Espaços de Reconstrução da Vida



Fonte: Entrevistas realizadas com onze mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Figura 06. Hierarquia dos Nós de Maior ‘Grau Ponderado’ que Estrutura a Comunidade Discursiva 2: Espaços de Reconstrução da Vida

Nodes	Id	Label	Nat	G...	Wei...	Ec...	Closeness Centrality
22. Militância	22. Militância	22. Militância	Cat	67	3359.0	1.0	1.0
14. Denúncia	14. Denúncia	14. Denúncia	Cat	67	3113.0	1.0	1.0
23. Feminismo	23. Feminismo	23. Feminismo	Cat	67	3036.0	1.0	1.0
29. Amizade	29. Amizade	29. Amizade	Cat	67	2920.0	1.0	1.0
21. Acolhimento	21. Acolhimento	21. Acolhimento	Cat	67	2678.0	1.0	1.0
44. Drogas	44. Drogas	44. Drogas	Cat	67	2288.0	1.0	1.0
71. Empoderamento	71. Empoderamento	71. Empoderamento	Cat	67	2148.0	1.0	1.0
38. Trabalho	38. Trabalho	38. Trabalho	Cat	67	2086.0	1.0	1.0
68. Sexualidade	68. Sexualidade	68. Sexualidade	Cat	67	2058.0	1.0	1.0
13. Segurança	13. Segurança	13. Segurança	Cat	67	2007.0	1.0	1.0
40. Rua	40. Rua	40. Rua	Cat	67	1928.0	1.0	1.0
56. Confiança	56. Confiança	56. Confiança	Cat	67	1889.0	1.0	1.0
66. Assédio	66. Assédio	66. Assédio	Cat	67	1684.0	1.0	1.0

Fonte: Entrevistas realizadas com onze mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

A figura 05 que tem como nós preponderantes da rede as categorias discursivas: ‘Militância’, ‘Denúncia’, ‘Feminismo’, ‘Acolhimento’ e ‘Amizade’ evidencia as estratégias que as mulheres entrevistadas estabeleceram para constituir espaços de enunciação para seu sofrimento e também de luta pessoal e pessoal. Na estrutura discursiva das mulheres que sofreram violência sexual, as instituições formais de justiça não aparecem como fonte de acolhimento de sua dor. Pelo contrário, ir a uma delegacia ou prestar uma queixa formal parece ser um sofrimento a mais que elas podem ser submetidas. Embora a categoria ‘denúncia’ apareça como importante fator na estrutura dessa comunidade discursiva, ela aparece como um ‘dever ser’, pois olham a experiência do passado com os olhos do presente, em que já são adultas. Entretanto, apenas uma das pessoas entrevistadas realizou denúncia sobre a violência sofrida em dezembro de 2014 e até o momento não há nenhum resultado desse procedimento.

O fato das mulheres entrevistadas argumentarem que tem realizado ações e defendem a causa de transformar a realidade da violência sexual contra mulheres, trouxe a categoria ‘denúncia’ no sentido de ação necessária para que a sociedade como um todo discuta os casos existentes, as formas de punição do agressor, de recuperação das vítimas e também de prevenção de casos futuros. O fato de a maioria delas não ter recorrido aos órgãos oficiais reflete a incapacidade das instituições fortemente patriarcais de lidar com a violência sexual. As redes informais de apoio têm sido fundamentais para que a vida continue a ser vivida, apesar da dor que acompanha o cotidiano dessas mulheres.

Traduzir a dor da violência sexual em palavras é um dos aspectos mais importantes para a promoção de um espaço de reconstrução da vida. A confissão daquilo que durante muito tempo foi considerado indizível em geral, se dá entre figuras femininas, consideradas

mais confiáveis do que homens. O ato de expressar a dor por meio da fala, com interlocução de pessoas que possam compreender o sofrimento da violência, conforme as mulheres entrevistadas, é em si um ato de empoderamento e libertação. O interessante é que embora as pessoas da família sejam importantes fontes de apoio para lidar com a violência, é a interlocução com outras mulheres que também passaram pela experiência da violência sexual que são mais potentes para construir os espaços de reconstrução de suas vidas. O relato de Makeda é exemplar da estrutura discursiva verificada.

“São minhas amigas, principalmente as minhas amigas mais próximas mulheres e que entendem tudo, que tem um olhar mais sensível assim pelo que eu passei assim [referindo-se a violência sexual sofrida]. Num segundo momento né, nas pessoas que passaram por isso [referindo-se a violência sexual]. Porque é só elas que entendem, que vão entender. E que a gente vai compartilhar e que a gente vai perceber muita coisa parecida assim” (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Não basta falar para qualquer pessoa que provoca o sentimento de acolhimento, mas falar com quem possa compartilhar as emoções que envolvem a dor que está sendo vivenciada. É essa celebração em que o falar é acolhido que provoca outras formas de ver e sentir a experiência da violência, como relata Nanny:

“A primeira vez [referindo-se a falar sobre a violência sexual sofrida] eu chorei né, bastante. Foi junto com muito choro que eu falei. Era um grupo de amigas né, as meninas feministas assim, o coletivo. Elas me acolheram assim sabe, foi aquela coisa de sentir a dor né. Eu senti isso assim que elas nossa, me acolheram” (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

O feminismo ocupa uma das posições mais importantes da comunidade discursiva. Contudo, embora o feminismo não seja uma atividade 'de mulheres' e que ele não pode ser restrito a uma anatomia corporal, há no movimento feminista uma reunião de corpos femininos que dividem uma identificação própria por meio da experiência de violência sexual. O feminismo tem sido fonte de alívio para algumas das mulheres violadas, evidenciando, como argumenta bell hooks, as potencialidades que se abrem para a mudança social, quando o feminismo se torna simultaneamente teoria e prática.

A centralidade do feminismo na rede discursiva das mulheres entrevistadas que sofreram violência sexual não pode ser generalizada para todas as mulheres. Pelo contrário, esta estrutura discursiva é própria do grupo que colaborou com a pesquisa e que está composto de várias pessoas que participam do movimento feminista. É preciso considerar a especificidade desta participação política. Contudo, não se pode negar a força com que o feminismo apareceu como elemento de recuperação e empoderamento das mulheres entrevistadas.

O compartilhamento da experiência da violência sexual entre pessoas que compreendem a dor evidencia que uma das formas para lutar contra a violência sexual é quebrar o tabu de se falar sobre o assunto, e que o movimento feminista é um espaço próprio constituído para isso. As mulheres só se sentem plenamente empoderadas quando auxiliam no processo de empoderamento de outras mulheres, como aponta Freire et al (1986), ao falar sobre a superação da opressão por determinados grupos.

A dor compartilhada alivia o sofrimento e pode tornar a experiência aversiva uma arma para evitar que outras mulheres também sofram com a violência sexual, como relata Kahina.

“Eu não quero mais esconder o que aconteceu [referindo-se a violência sexual] ou o que deixou de acontecer. Se tiver que dar visibilidade, se tiver que contar, se tiver que, eu vou fazer. Pra que outra olhe pra mim e diga: isso também aconteceu contigo. Porque daí vão perceber que não estão sozinhas, só isso. De entrar em movimentos assim. Talvez se eu não tivesse passado por isso, talvez eu não sei como seria minha vida hoje. Por isso que eu queria ir na marcha sábado, por isso que eu to percebendo que não é o silêncio que faz dar resultado, nesse país ou tu grita de alguma forma ou ninguém escuta nada ninguém dá ouvido” (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

A maior parte delas relatam que as redes de amizades femininas, notadamente na militância do movimento feminista se tornou mais importante no processo de recuperação do que a denúncia formal em si. O espaço relacional proposto por Massey (2008) que se faz do encontro de trajetórias cria a potência de transformação tanto da vítima, como também da sociedade. As mulheres se organizam para aliviar o sofrimento, a culpa e a dor da violação de seu espaço pessoal e íntimo que é o corpo. Mas é por meio dos corpos violados que elas constituem as identidades e os caminhos de superação que fazem parte das redes de amigos e de militância política feminista que elas constituem os espaços de libertação.

Conclusões

Este artigo realizou a análise da emoção como elemento de produção de espaços de luta feminina para superação da violência sexual. A emoção é sempre corporificada e o corpo feminino, compreendido pelas mulheres vítimas de violência sexual como um espaço que lhe foi expropriado, gerando afetos como vergonha, revolta e nojo, pode também ser fonte de constituição de potência de ação transformadora da condição de sofrimento. Os espaços de cura são relacionais, constituídos de compartilhamento de sofrimentos que potencializam o acolhimento pessoal e a transformação da dor em capacidade de luta feminina por respeito e direitos sociais.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BELL, D; VALENTINE, G. **Mapping desire: geographies of sexualities**. London: Routledge, 1995.
- BELL, D; BINNIE, J; HOLLIDAY, R; LONGHURST, R. **Pleasure zones: bodies, cities, spaces**. New York: Syracuse University Press, 2001.
- bell hooks. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- BINNIE, J; LONGHURST, R; PEACE, R. Upstairs/downstairs – Place matters, bodies matter. In: BELL, D; BINNIE, J; HOLLIDAY, R; LONGHURST, R. **Pleasure zones: bodies, cities, spaces**. New York: Syracuse University Press, 2001, p. vii – xiv.
- BONDI, L. The Place of Emotions in Research: From Partitioning Emotion and Reason to the Emotional Dynamics of Research. In: DAVIDSON, J, BONDI, L. e SMITH, M. **Emotional Geographies**. Aldershot - England: Ashgate Publishing Limited, 2007. p. 231 – 246.
- BONDI, L; DAVIDSON, J; SMITH, M. Introduction: Geography's 'Emotional Turn'. In: DAVIDSON, J, BONDI, L; SMITH, M. **Emotional Geographies**. Aldershot - England: Ashgate Publishing Limited, 2007. p. 1-18.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015.
- FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- JOHNSTON, L; LONGHURST, R. **Space, place and sex: geographies of sexualities**. Rowman & Littlefield: Lanham, 2010.
- LONGHURST, R. (Dis)embodied geographies. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 4, p. 486 - 501, 1997.
- LONGHURST, R. **Bodies: exploring fluid boundaries**. London: Routledge, 2001.
- LONGHURST, R. **Maternities: gender, bodies and space**. London: Routledge, 2008.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MCDOWELL, L. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- PILE, S. **The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity**. New York: Routledge, 1996.
- PILE, S; THRIFT, N. **Mapping the Subject: Geographies of Cultural Transformation**. London: Routledge, 1995.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, n. 3, p. 3 - 15, 1989.
- ROSE, G. **Feminism & geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity press, 1993.
- SILVA, J. M. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25- 54.
- SILVA, E. A; SILVA, J. M. Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados. **Revista-Latino Americana de Geografia e Gênero**, v.7, n.1, p. 132- 154 2016.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In: SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2017. p. 11-30.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, C. Z; HEIDRICH, Á. L; COSTA, B. P. **Plurilocalidades do sujeito**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56-75.

SMITH, N. Contours of a spatialized politics: homeless vehicles and the production of geo-graphical scale. **Social Text**, n. 33, p. 55 – 81, 1992.

SMITH, N. Homeless/global: Scaling places. In: BIRD, J; CURTIS, B; PUTNAM, T; ROBERTSON, G; TICKNER, L. (eds). **Mapping the Futures**: Local Cultures, Global Change. London: Routledge, 1993, p. 87 – 119.

Submetido em: Janeiro de 2019.

Aceito em: Março de 2019.